

Memorial Digital do Patrimônio Cultural dos Povos Potiguara da Aldeia São Francisco:

expondo uma proposta de criação e gestão sustentável

Alba Lúcia de Almeida Silva¹**Resumo**

O artigo apresenta uma proposta de criação de um Memorial Digital do Patrimônio Cultural dos povos indígenas Potiguara, com foco no artesanato da Aldeia São Francisco, no estado da Paraíba, Nordeste brasileiro. Tem como objetivos preservar e disseminar a memória cultural por meio do registro digital do artesanato indígena, destacando sua importância histórica. A metodologia combina pesquisa documental, qualitativa, etnográfica e história oral, possibilitando um mapeamento profundo dos significados culturais associados ao artesanato. Os dados preliminares revelam a riqueza simbólica das peças artesanais e a conexão entre memória, sustentabilidade e identidade indígena. O estudo conclui que a criação do memorial digital contribuirá para a preservação de saberes ancestrais, promovendo o desenvolvimento sustentável e o reconhecimento do patrimônio cultural potiguara.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural - Potiguara; Memória - Povos originários; Gestão Sustentável. Artesanato Potiguara.

Abstract

The article presents a proposal for the creation of a Digital Memorial of the Cultural Heritage of the Potiguara indigenous Peoples, focusing on the craftsmanship of the São Francisco Village in the state of Paraíba, northeastern Brazil. Its objectives are to preserve and disseminate cultural memory through the digital documentation of indigenous crafts, highlighting their historical significance. The methodology combines documentary, qualitative, ethnographic research and oral history, enabling an in-depth mapping of the cultural meanings associated with the crafts. Preliminary data reveal the symbolic richness of the handcrafted items and the connection between memory, sustainability, and indigenous identity. The study concludes that the creation of the digital memorial will contribute to the preservation of ancestral knowledge, promoting sustainable development and recognition of the Potiguara cultural heritage.

Keywords: Potiguara Cultural Heritage; Indigenous Peoples Memory; Sustainable Management; Potiguara Crafts.

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa/Paraíba/ Brasil. Docente do Departamento de Ciência da Informação (DCI-UFPB).

1. Introdução

A história dos povos indígenas Potiguara pode ser revelada por meio de diversas narrativas. No entanto, abordar sua diversidade cultural é uma atividade que transcende as tradições e costumes. Como povos originários, os Potiguara são guardiões de uma cultura valiosa e multifacetada, preservando um vasto acervo de conhecimentos e mantendo viva a Memória e a Identidade do seu povo.

Segundo Targino et al. (2012, p.92), “Oficialmente, o povo potiguara é o único grupo étnico indígena do Estado da Paraíba até o momento, mas espera-se que uma pequena aldeia Cariri seja reconhecida. Os Potiguaras constituem uma das maiores populações indígenas do Brasil e a maior do Nordeste.” Diante disso, destacam-se não apenas por sua expressiva população, mas também por sua relevância sociocultural no contexto nacional e regional. Há, ainda, a expectativa de que outros grupos étnicos obtenham reconhecimento formal, ampliando, sobretudo, a representatividade indígena no Nordeste brasileiro, em especial no estado da Paraíba. Os mesmos autores reforçam esse ponto de vista ao destacarem que:

[...] o povo potiguara é conhecido pela sua raça guerreira tendo participado da aliança com os franceses para tentar expulsar os portugueses. Também fizeram alianças com holandeses, sendo duramente massacrados pelos portugueses que viram nessa parceria uma forma de afronta por parte dos índios. Consequentemente, os potiguaras impediram ou retraçaram a interiorização dos portugueses no Brasil, formando uma barreira por todo o litoral brasileiro onde eram anteriormente encontrados. Sua história de luta está marcada na memória dos mais velhos, sendo passada como tradição às novas gerações (p. 93).

De acordo com os autores, os Potiguara são reconhecidos por sua natureza combativa e por suas estratégicas alianças com franceses e holandeses, como forma de resistência à dominação portuguesa. Essa resistência resultou em violentos confrontos, nos quais os portugueses buscaram reprimir o povo indígena, considerando essas alianças uma ameaça direta à colonização. Ao reter o avanço dos portugueses para o interior do Brasil e estabelecer uma barreira ao longo do litoral, os Potiguara demonstraram uma postura de defesa territorial única e emblemática. A memória dessa resistência, ainda presente entre os mais velhos, perpetua-se como herança e tradição cultural, transmitida às novas gerações,

fortalecendo, ao longo do tempo, a identidade desses povos. Nesse contexto, Loureiro (2015) como citado em Le Goff, 2003) enfatiza que,

[...] materiais de memória são transmitidos de geração a geração, o que nos leva à questão do patrimônio que os dicionários definem como o conjunto de bens de uma família, ou como o conjunto de bens (materiais ou imateriais) de uma nação, estado, cidade ou comunidade, transmitido como herança comum. (Le Goff 2003, p. 25 como citado em Loureiro, 2015).

Entendemos, entretanto, que a memória assume um viés fundamental na construção de identidades, tanto individuais quanto coletivas. Ao comparar os materiais de memória ao conceito de patrimônio, observa-se que esses elementos não apenas carregam significados profundos para aqueles que os vivenciam, mas também constituem heranças culturais transmitida entre gerações. À luz das ideias de Loureiro (2015) e Le Goff (2003), o patrimônio ultrapassa a esfera dos bens imateriais, abrangendo ainda os aspectos intangíveis, como línguas, tradições, costumes e memórias compartilhadas. Essa abordagem dialoga com a ideia de que a memória é um recurso cultural vivo, que se adapta e se transforma à medida que é transmitido para outros grupos sociais.

A partir dessas considerações iniciais, indagamos: **De que forma pode ser elaborado um memorial digital indígena que contribua efetivamente para a preservação da memória, da arte e da cultura dos povos originários, ao mesmo tempo em que se configure como um vetor para a proposição de intervenções práticas e socioculturais?**

Com a intenção de responder a indagação, elaboramos os seguintes objetivos: a) traçar o perfil das mulheres artesãs da Aldeia São Francisco em Baía da Traição/PB; b) identificar e analisar as peças produzidas pelas artesãs; c) propor a criação de um memorial digital para fins de preservação e disseminação da memória.

Diante do exposto, destaca-se que a preservação dessa memória é fundamental para evitar apagamento da história dos povos originários.

2. Os Potiguaras da Paraíba

Os Potiguara, povos originários localizados no estado Paraíba, nordeste brasileiro, são reconhecidos como povo guerreiro e donos de uma cultura marcante. Segundo Targino, Hoefel, Merchán-Hamann, Severo, et al. (2012):

Potiguara (palavra de origem tupinambá que significa “comedores de camarão”) habitam o litoral norte do Estado da Paraíba (figura 1), nos municípios litorâneos da Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, localizados em um espaço de 33.757 hectares (figura 2). Segundo dados da FUNAI, vivem nessas regiões aproximadamente de 10.000 a 14.000 mil indígenas (p.93).

Figura 1

Aldeia do Povo Potiguara da Paraíba



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2025.

Segundo Cardoso e Guimarães (2012), “com uma população de aproximadamente 19 mil indígenas entre habitantes das aldeias e das cidades de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, os Potiguara se concentram numa área do litoral norte paraibano situada entre os rios Camaratuba e Mamanguape” (p.15).

Nessa perspectiva, os Potiguara preservam suas tradições e cultura, empenhando-se para mantê-las viva e garantir que seu patrimônio cultural não seja esquecido. Dedicam-se, por exemplo, ao artesanato como uma forma de fortalecer e reafirmar sua identidade, como também assegurar seus direitos enquanto povos originários. Mesmo após décadas de adversidades, seguem firmes na preservação e valorização de sua cultura, como exemplifica a dança do Toré, representada Figura 2:

Figura 2

A Dança do Toré na Aldeia São Francisco



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2025.

Segundo Targino et al. (2012):

É dançada em suas festividades e sempre no dia do índio, 19 de abril. A dança consiste em um “puxador” aquele que canta as músicas e todos os outros que respondem ao som do puxador. É dançada em roda, onde no primeiro círculo encontram-se os homens influentes do povo e os mais velhos, e no segundo, as mulheres, crianças e os mais jovens. (pp.93-94)

Ao visitar as aldeias potiguaras, na Paraíba, é possível assistir à dança do Toré e conhecer seus significados, pois “Esta prática sagrada representa uma forma de expressão de gratidão a Tupã pela proteção contra os perigos visíveis e invisíveis, estabelecendo uma comunicação com a natureza, os ancestrais e a espiritualidade” (Azevedo, 2015, p.5). Sendo este, um momento repleto de simbolismo, cultura e veneração. O artesanato produzido pelas artesãs da Aldeia São Francisco é uma expressão cultural profundamente enraizada, que vai além de um simples ofício. Trata-se de uma manifestação artística de resistência e uma importante fonte de sustentabilidade econômica para a comunidade. As artesãs confeccionam colares, pulseiras, cocares, objetos de decoração e outras peças, utilizando materiais naturais, como sementes e fibras coletadas na natureza, como podemos observar na Figura 3:

Figura 3*Artesanato Potiguara*

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2025.

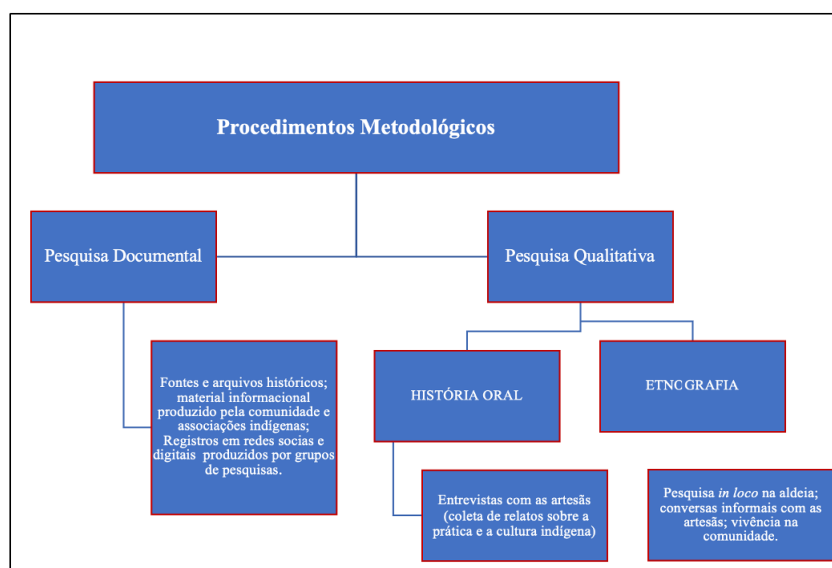
Essa tradição artesanal, transmitida de geração em geração, mantém viva a identidade cultural desse povo, ao mesmo tempo em que se adapta à contemporaneidade. Além de preservar saberes ancestrais, o artesanato fortalece a economia local, garantindo meios de subsistência.

3. Metodologia

Neste estudo, a memória foi abordada como um aspecto sociocultural, utilizando-se procedimentos metodológicos compatíveis que possibilitam a investigação de diferentes questões em distintos contextos temporais (Becker, 1999). Para tanto, adotou-se por um desenho metodológico de natureza interdisciplinar, integrando pesquisa documental, pesquisa qualitativa, história oral e a etnografia. Essa combinação possibilita uma análise mais aprofundada da memória cultural do povo Potiguara, com ênfase no artesanato, como expressão identitária e de resistência. Além disso, optou-se por uma abordagem propositiva, voltada não apenas à compreensão do fenômeno, mas também ao desenvolvimento de uma solução concreta, com a elaboração de um produto aplicável ao contexto estudado.

Figura 4

Procedimentos Metodológicos



Fonte: dados da pesquisa, 2025

Na trilha metodológica, adotou-se ainda a pesquisa bibliográfica, visto que “possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto.” (Lima e Miotto, 2007, p.40 como citado em Gil, 1994). Para o embasamento teórico, foram exploradas fontes bibliográficas disponíveis em bibliotecas digitais, bases de dados e no Portal de Periódicos da Capes. Simultaneamente, recorreu-se à pesquisa documental, considerando que esse tipo de investigação:

Se resume naquela em que os dados são totalmente provenientes de documentos, com a finalidade de obter dados e compreender um fenômeno. É um amplo processo que se utiliza de técnicas e métodos específicos que dependem do objetivo traçado pelo pesquisador e usa um banco de dados heterogêneo. (Cardoso, Batista, 2024, p. 34 como citado em Junior et al., 2021).

Quanto a etnografia, possibilita a compreensão dos rituais, tradições, costumes e cultura de um determinado grupo social. Nessa perspectiva, essa abordagem “[...] é uma

maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades

ou sociedades. Nessa direção, o modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como a sua cultura [...]” (Angrosino, 2009, p. 16). Assim, neste estudo, buscou-se revelar a memória e os significados atribuídos ao artesanato potiguara. Por isso, incorporou-se a história oral, pois esta “caracteriza-se como uma metodologia de pesquisa que busca ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela” (Alves, 2016, p.3).

Compreende-se que a história oral é essencial para revelar as narrativas tanto individuais quanto as coletivas, uma vez que, por meio da aplicação de entrevistas com esses sujeitos envolvidos, é possível coletar relatos pessoais dos indígenas acerca de suas tradições, expressões culturais e da composição das peças artesanato, incluindo seus antecedentes e os desafios enfrentados durante esse percurso.

Os dados preliminares expostos neste estudo, foram coletados diretamente na Aldeia São Francisco, por meio de entrevistas realizadas com as artesãs, pois esse instrumento é “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto [...]” (Lakatos, Marconi, 2003, p. 195). Em seguida, foi realizado o registro imagético de cada peça que compõe o acervo. Para análise e tratamento dos dados, executou-se a catalogação individual das peças, seguida da elaboração de fichas técnicas descritivas. Com um acervo preliminar composto por mais de oitenta peças, nesta comunicação, apresentaremos um recorte representativo de universo. Após a análise, os dados serão inseridos numa plataforma digital intitulada de “Memorial” para fins de preservação e disseminação da memória e cultura desses povos originários.

4. Apresentação e Análise dos Dados

Apresentamos, a seguir, as análises preliminares dos dados técnicos e descritivos referentes às peças do artesanato. A ficha descritiva da Figura 5 refere-se a uma peça artesanal cuja tipologia é denominada de colar, produzido pela indígena artesã Deise. Com medidas de 31 cm de comprimento e 21 cm de largura, o colar destaca-se por suas sementes vermelhas, cor frequentemente associado à força e a proteção nas culturas indígenas. Os materiais utilizados na confecção incluem sementes de açaí e morototó, elementos naturais coletados diretamente na natureza, refletindo e evidenciando a forte conexão dos povos indígenas com

a biodiversidade.

Figura 5

Ficha Descritiva do Artesanato: Colar Triangular

FICHA DESCRITIVA DO ARTESANATO		
	Tipologia do Artesanato	Colar
	Medidas	Comprimento: 31cm largura: 27cm
	Cor(res)	Vermelho, preto e marrom.
	Material(s)	Sementes: açaí, morototó.
	Artesã (o)	Indígena Deise
	Aldeia	São Francisco
	Região	Nordeste
	Estado	Paraíba
	Cidade	Baía da Traição
	País	Brasil
	Significado(s) para os Potiguaras	Proteção
	Indicação para uso	Acessório de beleza; usado para afastar

Fonte: Conteúdo Criativo (EJMD – UFPB), 2024.

Além de ser utilizado como acessório de beleza, o colar carrega significados profundos para os indígenas. O morototó, por exemplo, que segundo a cultura indígena, tem poder medicinal: o chá preparado a partir da casca do fruto é tradicionalmente usado para tratar doenças gastrointestinais, evidenciando o conhecimento ancestral dos Potiguaras sobre a flora local e seus usos terapêuticos e medicinais. É oportuno frisar que a confecção das peças artesanais exige um trabalho delicado e esmiuçador. No caso deste colar, as sementes são encaixadas em composições geométricas, formando um designer triangular invertido, conferindo à peça aspecto imponente dentro da arte indígena.

Outro aspecto importante da peça é sua indicação para uso. Segundo a artesã Deise, “além de ser um enfeite, o colar tem a função de afastar energias ruins”, o que ressalta a dimensão simbólica e espiritual presente no artesanato dos Potiguaras. Esse fator reforça a relação entre corpo, mente, natureza e espiritualidade que os indígenas possuem. Portanto, o colar transcende sua função estética, configurando-se como um elemento carregado de significados, que reafirma a identidade desses povos.

Na análise da ficha descritiva da peça artesanal denominada Colar Faixa (Figura 6), observamos que ela apresenta um formato semicircular, adaptável ao contorno do pescoço. Confeccionada pela artesã Ivanilda, a peça também carrega alguns significados espirituais relevantes. Segundo a artesã, “o uso do colar auxilia na proteção contra energias negativas, mau-olhado, inveja e olho gordo”, reforçando o simbolismo do artesanato presente na vida dos Potiguara.

Figura 6

Ficha Descritiva do Artesanato: Colar Faixa

FICHA DESCRITIVA DO ARTESANATO		
	Tipologia do Artesanato	Colar
	Medidas	Comprimento: 27cm largura: 25cm
	Cor(res)	Preto e marrom
	Material(s)	Sementes: Saboneteira e morototó
	Artesã (o)	Indígena Ivanilda
	Aldeia	São Francisco
	Região	Nordeste
	Estado	Paraíba
	Cidade	Baia da Traição
	País	Brasil
	Significado(s) para os Potiguaras*	Morototó é uma planta medicinal. A casca do fruto é utilizada como remédio para doenças gastrointestinais. A semente de saboneteira usada para confecção de colares serve para fazer sabão líquido.

Fonte: Elabora Conteúdo Criativo (EJMD – UFPB), 2024.

O Colar Faixa possui 27 cm de comprimento por 25 cm de largura e foi confeccionado com sementes de saboneteira e morototó, em tonalidades preto e marrom. Suas dimensões e composição sugerem que se trata de uma peça criada especialmente para uso em cerimônias ou rituais indígenas, refletindo seu valor simbólico e sua possível associação a posições de respeito e autoridade dentro da aldeia. Para além de sua função estética como adereço ritualístico, o colar também atua como um amuleto de proteção, expressando a interseção entre arte, espiritualidade, tradição e cultura. Esse caráter simbólico reforça o papel do

artesanato como veículo de transmissão cultural, cujos saberes e significados são passados oralmente de geração em geração. Na sequência, a Figura 7 apresenta a ficha descritiva da peça artesanal intitulada Colar Cascata:

Figura 7

Ficha Descritiva do Artesanato: Colar Cascata

FICHA DESCRITIVA DO ARTESANATO		
	Tipologia do Artesanato	Colar
	Medidas	Comprimento: 27cm largura: 25cm
	Cor(res)	vermelho
	Material(s)	Sementes: açaí e morototó
	Artesã (o)	Pajé Fátima
	Aldeia	São Francisco
	Região	Nordeste
	Estado	Paraíba
	Cidade	Baia da Traição
	País	Brasil
	Significado(s) para os Potiguaras*	Apenas como valor simbólico da natureza
	Indicação para uso	Acessório de beleza e positividade.

Fonte: Elabora Conteúdo Criativo (EJMD – UFPB), 2024.

O Colar Cascata, elaborado a partir das sementes de açaí e morototó, que são utilizadas e conhecidas pela sua multifuncionalidade, principalmente quando usadas na confecção de peças artesanais a exemplo de pulseiras, colares, chocalhos, entre outros. O artesanato produzido de forma minuciosa por essas artesãs, expressam proteção e conexão com o divino. A artesã Pajé Fátima, criadora do colar representado na figura 7, revela sua trajetória e memórias: “desde quando eu era curumim, ajudava a minha mãe a fazer colar, catar sementes na floresta, furar as sementes para passar o fio e fazer as amarrações. Depois que aprendi, ensino aqui na aldeia até hoje”. Seu relato, portanto, evidencia o caráter ancestral e secular dessa prática, que vai além da técnica, pois os colares indígenas carregam histórias, memórias e vários significados culturais.

A peça apresentada na Figura 8 foi criada a partir de penas desprendidas naturalmente das aves de grande porte, como as araras. Essas penas são bastante utilizadas pelos indígenas,

principalmente na confecção de cocares (um adorno de cabeça, produzidos com penas grandes e cores vibrantes) que são usados para definir e classificar o grau de autoridade e respeito de um determinado indígena dentro da aldeia, como observamos a seguir:

Figura 8

Ficha Descritiva do Artesanato: Colar Arara

FICHA DESCRITIVA DO ARTESANATO		
	Tipologia do Artesanato	Colar
	Medidas	Comprimento: 29cm largura: 27cm
	Cor(res)	vermelho
	Material(s)	Sementes: açaí, morototó. Penas de Arara
	Artesã (o)	Indígena Ivanilda
	Aldeia	São Francisco
	Região	Nordeste
	Estado	Paraíba
	Cidade	Baia da Traição
	País	Brasil
	Significado(s) para os Potiguaras	Apenas como valor simbólico da natureza
	Indicação para uso	Acessório de beleza e empoderamento.

Fonte: Elabora Conteúdo Criativo (EJMD – UFPB), 2024.

Este colar destaca-se por sua composição visualmente marcante, confeccionado predominantemente com penas azuis, complementadas penas menores nas cores amarelas e marrons. Além das penas, a peça incorpora sementes de açaí em tom azulado e sementes de morototó, reforçando a conexão com os elementos naturais. Segundo a artesã Deise, criadora da peça, este adorno é utilizado exclusivamente como acessório de beleza e expressão de empoderamento da cultura indígena. Sua estética vibrante e simbologia reafirmam a identidade cultural dos Potiguaras, evidenciando como o artesanato atua enquanto instrumento de valorização e afirmação da cultura dos povos originários.

Ao nos reportamos ao Colar Olho-de-Pombo, na Figura 9, destacamos que as sementes, denominadas de olho-de-pombo, também são coletadas nas proximidades das aldeias onde vivem os indígenas. Após a coleta, as artesãs selecionam apenas aquelas que estão em perfeito estado para dar início ao processo artesanal. Em seguida, as sementes passam por perfurações cuidadosas no centro, permitindo a passagem dos fios, que geralmente são produzidos com fibras naturais.

Figura 9

Ficha Descritiva do Artesanato: Colar Olho-de-Pombo

FICHA DESCRITIVA DO ARTESANATO		
	Tipologia do Artesanato	Colar
	Medidas	Comprimento: 83cm largura: 27cm
	Cor(res)	vermelho
	Material(s)	Sementes: olho de pombo
	Artesã (o)	Pajé Fátima
	Aldeia	São Francisco
	Região	Nordeste
	Estado	Paraíba
	Cidade	Baia da Traição
	País	Brasil
	Significado(s) para os Potiguaras	Proteção
	Indicação para uso	Afastar energias negativas.

Fonte: Elabora Conteúdo Criativo (EJMD – UFPB), 2024.

De acordo com a Pajé Fátima, “as sementes de olho-de-pombo são poderosas, significam proteção, e seu uso ajuda a afastar as energias negativas, ruins e os maus espíritos”, reforçando a crença dos Potiguara na força protetora desses colares.

Nesse contexto, a memória evocada pelas narrativas compartilhadas durante as entrevistas revela não apenas os significados simbólicos das peças, mas também a profunda resistência dos indígenas em permanecer em seus territórios e lutar pela preservação de sua cultura e identidade.

5. Proposta de criação do Memorial Digital do Patrimônio Cultural dos Povos Potiguara da Paraíba numa perspectiva de gestão sustentável

A criação de um **Memorial Digital do Patrimônio Cultural dos Povos Potiguaras da**

Paraíba representa uma oportunidade significativa de preservar, valorizar e difundir os saberes, as tradições, a cultura e a memória desses povos originários. Ao mesmo tempo, essa iniciativa

se alinha aos princípios da sustentabilidade cultural e tecnológica. Nesse sentido, a concepção do Memorial exige uma abordagem integrada e multifacetada, que respeite profundamente a cultura e o modo de vida dos Potiguara, ao mesmo tempo em que incorpore tecnologias da informação inclusivas e de acesso livre, garantindo não apenas a preservação do patrimônio cultural, mas também sua manutenção para disseminar as memórias desses povos as futuras gerações.

O Memorial Digital tem como objetivos registrar e disseminar o patrimônio cultural dos Potiguara, com ênfase no artesanato; preservar a memória dos Potiguara a partir do registro digital de suas práticas culturais e da História Oral; promover a sustentabilidade cultural, garantindo que as gerações futuras tenham acesso ao patrimônio documentado; incorporar tecnologias digitais acessíveis e sem custos para a manutenção memorial; buscar parcerias com a Universidade Federal da Paraíba através de projetos de pesquisa e extensão.

Nessa perspectiva, pretende-se, inicialmente, contactar as lideranças da Aldeia São Francisco, buscando identificar as artesãs. As etapas de coleta dos dados incluirão: entrevistas, registros fotográficos e gravação de vídeos. O acervo será trabalhado tecnicamente seguindo as normas da catalogação descritiva conforme a Anglo American Cataloging Rules, 2nd ed. (AACR2). O ambiente digital será desenvolvido com base em tecnologias abertas, sustentáveis e de fácil manutenção, permitindo a inserção e atualização de dados por meio de dispositivos móveis, o que amplia sua acessibilidade. A interface contará com conteúdos em diferentes formatos, como vídeos, áudios, imagens e textos, organizados de forma clara e intuitiva, promovendo maior interação e engajamento dos usuários.

O menu principal oferecerá as seguintes opções de navegação: *Sobre os Potiguaras*; *O Artesanato*; *Aldeias da Região*; *A Aldeia São Francisco*; *As Artesãs*; *Entrevistas*; *Documentos*; *Galeria de Fotos*; e *Encontre Aqui* (seção com links para sites ou contatos das(os) artesãs visando à comercialização de seus produtos).

Com o objetivo de garantir a preservação e longevidade dos conteúdos, todo o acervo será armazenado em ambiente de Nuvem. Dessa forma, o Memorial Digital não apenas contribuirá para a valorização e preservação da cultura Potiguara, mas também estimulará o turismo cultural, integrando-se às rotas de visitação às aldeias e possibilitando a geração de

renda por meio da venda do artesanato, atividade que tem se consolidado como uma importante fonte de sustento para diversos povos indígenas da região.

Alguns diálogos e parcerias serão necessárias para a execução e concretização do Memorial, destacando-se a parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) por meio do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Nesse sentido, espera-se que o Memorial funcione não apenas como um espaço digital de preservação e disseminação da memória e do patrimônio cultural dos Potiguara, mas também como um ambiente voltado para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas sobre esses povos originários, fortalecendo o reconhecimento e a valorização de suas identidades e saberes tradicionais.

5 Considerações Finais

A criação do Memorial Digital do Patrimônio Cultural dos Povos Potiguaras da Paraíba representa uma iniciativa estratégica de gestão sustentável para a preservação da memória. Neste sentido, Scherer e Weber (2015) enfatizam que:

As memórias, assim como outros documentos, figuram como registros incompletos do passado, elas também são passíveis de ser convertidas em fontes pelo historiador. A memória, então, se torna alvo de indagações que não se limitam ao conteúdo da recordação, mas especialmente, ao ato de sua constituição, marcado por seleções e esquecimentos, bem como por suas respectivas motivações, entre nuances que não revelam apenas algo de objetivo, mas também de subjetivo sobre o ato de lembrar (p.198).

Diante disso, o Memorial configura-se como uma ferramenta essencial para a valorização e eternização do patrimônio cultural Potiguara da Paraíba. Mais do que um repositório digital, ele se propõe a preservar tradições, salvaguardar memórias e fomentar o diálogo interdisciplinar. Ao disponibilizar conteúdos de forma acessível e interativa, o Memorial contribuirá para ampliar o reconhecimento desse patrimônio, transcendendo barreiras geográficas e geracionais, garantindo, assim, sua continuidade e visibilidade ao longo do tempo.

Referências

- ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. *Encontro de Ensino de História (3), Semana de História do Pontal (4)*. Minas Gerais: UFU, 2016. Disponível em: <https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf> Acesso 28 jan. 2025
- ANGROSINO, M. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.
- AZEVEDO, Maria Helena et al. O toré potiguara como patrimônio imaterial dos povos originários da Paraíba... In: 6º *Simpósio Científico do ICOMOS-BRASIL: Patrimônio e direitos humanos. Anais...*Belo Horizonte(MG) Juiz de Fora, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/6-simposio-cientifico-do-icomos-brasil-patrimonio-e-direitos-humanos-396946/783914-O-TORE-POTIGUARA-COMPATRIMONIO-IMATERIAL-DOS-POVOS-ORIGINARIOS-DA-PARAIBA>. Acesso em: 16 jan. 2025
- BECKER, H. S. *Métodos de pesquisas em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CARDOSO, Juliana Pena Teixeira, BATISTA, Gustavo Araújo. A pesquisa documental no âmbito das políticas educacionais: conceitos e discussões. *Cadernos da Fucamp*, 2024, v.29, p.30-40.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. *Metodologia Científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- LE GOFF, J. *História e memória: escrita e literatura*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de Lima, MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.

Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/jrk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em 27 jan. 2025

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Informação, memória e patrimônio: breves considerações.

In.: *Informação, patrimônio e memória: diálogos interdisciplinares*. Azevedo Netto, Carlos Xavier. João Pessoa: Edufpb, 2015. p.97-106.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

Targino, N. T., Hoefel, M. da G. L., Hamann, E. M., Severo, D. O., Santos, S. M. dos. (2012).

Projeto Vidas Paralelas Indígena: revelando o povo Potiguara da Paraíba, Brasil. *Tempus – Actas De Saúde Coletiva*, 6(1), pag. 91–97.

<https://doi.org/10.18569/tempus.v6i1.1100>

SCHERER, Bruno Cortês; WEBER, Beatriz Teixeira. História e memória institucional: a sociedade espírita estudo e caridade, Santa Maria /RS 91927-2012). *Métis: história & cultura*, v. 14, n.28, p.197-218, ju./dez.,2015